

UM OLHAR SOBRE A IGREJA

Querido leitor de Atitude, estudar sobre a igreja é uma oportunidade maravilhosa. Afinal, é como estudar sobre nosso próprio corpo. Com isso aprendemos sobre sua origem, sua história, seu propósito e seu impressionante destino.

É verdade que ela não aparece no Antigo Testamento. Pelo menos de forma explícita, mas podemos já, na chamada de Abraão, ver a sua concepção. Ali, no momento em que o Patriarca foi vocacionado, iniciou o desenvolvimento da igreja de Deus.

Nos séculos que vieram depois disso, a igreja está sendo gerada, durante os tempos difíceis do êxodo, da monarquia em Israel, do exílio babilônico, da diáspora (quando o povo de Israel foi espalhado pelo mundo), e do período interbíblico (entre o Antigo e o Novo Testamento).

Até que, finalmente, num canto humilde da Palestina, no povoado de Belém, nasceu Jesus. Isso ainda não significa que a igreja já está no mundo. Não. Mas, com ele inauguram-se as dores de parto. É o anúncio de que o rebento está para nascer. Ela nasce 50 dias após a ressurreição de Jesus, no Pentecostes. Ali, em Jerusalém, com a chegada do Espírito Santo, finalmente se levanta a igreja.

O leitor precisa compreender, entretanto, que as imagens que usei acima são apenas para ilustrar um fenômeno que é grande demais para ser traduzido por palavras. Por isso, o meu desafio agora é para que juntos caminhemos neste período no desejo de compreender melhor o que significa ser igreja.

Um bom período de estudos.

Atitude Aluno é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
falecom@conviccaeditora.com.br

ISSN 1984-8633
LITERATURA BATISTA
ANO CXVIII – Nº 471

AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

Os estudos deste período foram escritos pelo pastor Ronaldo Robson Luiz, pastor da Igreja Batista em Campo Grande, Recife. Ele é professor do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil.

nota da redação

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista.

//SUMÁRIO

//EBD

Lição 1 – A origem da igreja.....	10
Lição 2 – A razão de ser da igreja.....	15
Lição 3 – A história da igreja.....	20
Lição 4 – A contextualização da igreja.....	25
Lição 5 – O ministério da igreja.....	30
Lição 6 – A identidade divina da igreja.....	35
Lição 7 – A união dos santos.....	40
Lição 8 – A propagação do evangelho.....	45
Lição 9 – O serviço cristão.....	50
Lição 10 – O instrumento da comunhão.....	55
Lição 11 – O ministério do culto.....	60
Lição 12 – O dever do ensino.....	65
Lição 13 – O futuro da igreja.....	70

//SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica.....	4
Tema da EBD.....	5

//AINDA EM ATITUDE

Breve cronologia da história dos batistas.....	75
Aforismos sobre a igreja de Deus.....	78
O peso de nossa terra.....	86
Nicodemos: um encontro que mudou uma vida.....	88
Lazer.....	93
O voto do jovem consciente.....	95

» LEITURA BÍBLICA

Semana 1

SEG	Gênesis 28.18-22
TER	1Crônicas 22.2-5
QUA	2Crônicas 6.1-11
QUI	Esdras 6.13-18
SEX	Mateus 16.13-20
SÁB	Mateus 18.15-18
DOM	Atos 2.37-47

Semana 2

SEG	Atos 4.32-37
TER	Atos 5.11-16
QUA	Atos 6.1-7
QUI	Atos 8.1-8
SEX	Atos 10.23-48
SÁB	Atos 11.1-18
DOM	Atos 11.19-30

Semana 3

SEG	Atos 12.1-25
TER	Atos 13.1-3
QUA	Atos 13.4-6,13,14; 14.23-28
QUI	Atos 15.36-41;16.9-12;18.20-22
SEX	Atos 18.23-28; 21.1-3,15-17
SÁB	Atos 21.18-26
DOM	Atos 28.11-31

Semana 4

SEG	Romanos 1.8-15
TER	1Coríntios 1.10-31
QUA	Gálatas 1.6-24
QUI	Efésios 2.11-22
SEX	Filipenses 1.27-30
SÁB	Colossenses 1.9-23
DOM	1Tessalonicenses 2.1-16

Semana 5

SEG	1Tessalonicenses 1.2,3
TER	Colossenses 1.4,5
QUA	Efésios 1.15-18
QUI	1Coríntios 1.4-7
SEX	Filipenses 1.4-6
SÁB	Gálatas 5.16-26
DOM	1Coríntios 13.1-13

Semana 6

SEG	1Timóteo 3.14-16
TER	2Timóteo 4.1-5
QUA	Tito 2.11-15
QUI	Tito 3.1-11
SEX	Filemom 1-7
SÁB	1Pedro 1.1-12
DOM	1João 4.1-6

Semana 7

SEG	João 14.1-14
TER	João 14.15-31
QUA	João 15.1-11
QUI	João 15.12-27
SEX	João 16.1-16
SÁB	João 16.17-33
DOM	João 17.1-26

Semana 8

SEG	Jonas 3.1-10
TER	João 4.1-42
QUA	2Coríntios 5.11-21
QUI	Efésios 2.11-22
SEX	Colossenses 1.9-23
SÁB	1João 2.18-29
DOM	1João 5.1-13

Semana 9

SEG	Filipenses 4.10-20
TER	Colossenses 3.1-17
QUA	1Tessalonicenses 4.1-12
QUI	1Timóteo 2.1-8
SEX	1Timóteo 3.1-16
SÁB	Filemom 8-20
DOM	1Pedro 3.8-22

Semana 10

SEG	1Coríntios 1.10-31
TER	1Coríntios 3.1-23
QUA	1Coríntios 6.1-11
QUI	1Coríntios 10.23-33
SEX	1Coríntios 12.12-31
SÁB	2Coríntios 4.1-15
DOM	Efésios 5.17-32

Semana 11

SEG	1Coríntios 14.26-40
TER	Efésios 4.1-16
QUA	Hebreus 10.19-25
QUI	Efésios 5.1-21
SEX	1Coríntios 11.17-34
SÁB	1Coríntios 6.12-20
DOM	1Coríntios 5.1-13

Semana 12

SEG	Colossenses 4.2-6
TER	2Timóteo 2.14-26
QUA	2Timóteo 3.10-17
QUI	Tito 2.1-10
SEX	Tiago 1.19-27
SÁB	2Pedro 2.11-17
DOM	Atos 15.6-35

Semana 13

SEG	2Timóteo 3.1-9
TER	2Pedro 2.1-10
QUA	Mateus 24.1-14
QUI	Mateus 24.15-28
SEX	Mateus 24.29-41
SÁB	Mateus 25.31-46
DOM	Mateus 28.16-20

IGREJA QUANDO ELA NASCEU?

PR. VALTAIR A. MIRANDA

RIO DE JANEIRO, RJ

Na primavera do ano 56, enquanto pousava na movimentada cidade de Corinto, Paulo de Tarso escreveu uma carta para algumas pessoas na distante cidade de Roma. Diferentemente das cartas da época, ele escreveu bastante, e no final, já no encerramento, enviou diversas saudações: *“Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas dos gentios; saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles”* (Rm 16.3-5). Este pequeno trecho denuncia um vibrante movimento religioso que nesse momento se espalha pelo império romano, e faz referências a um conjunto de “igrejas dos gentios”, bem como a uma “igreja” que se reúne na casa de Priscila e Áquila.

Como eram essas igrejas? Como cresciam e se espalhavam? De onde vieram? Vamos tentar olhar para estas perguntas, a partir de uma ainda mais significativa: Quando a igreja nasceu? Esta é uma boa pergunta. A tendência é respondê-la vinculando a resposta diretamente com algum evento nos dias de Jesus. Ela teria nascido, então, no momento em que Jesus disse para Pedro: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja*. Poderia ter nascido também no momento em que Jesus reuniu seu círculo de discípulos, após a tentação no deserto. Essa última hipótese, inclusive, tem alguma lógica. Afinal, se Jesus é o fundador da igreja, por que não ver seu início logo no começo do ministério de Jesus? A igreja teria começado quando o próprio Jesus teria começado. Assim, ao chamar os primeiros pescadores em

torno do Lago da Galileia, ou ao receber os primeiros discípulos vindo do grupo do Batista, Jesus teria começado a sua igreja.

Esta é uma boa questão. Vamos pensar sobre ela. É possível chamar esse grupo que Jesus reuniu em torno dele, durante seu ministério, de igreja? Ela seria em termos estritos e formais, então, a igreja de Jesus? Acredito que a resposta seja negativa para esta pergunta. Jesus reúne um grupo, sim, em torno de si, mas não parece que é esse grupo que devemos chamar de igreja.

Algumas marcas desse grupo inicial, que chamarei de movimento de Jesus, o torna um fenômeno irrepetível historicamente.

a) O movimento de Jesus é um movimento profético radical. Deixe-me explicar isso. Ele chama seus discípulos para deixar completamente suas atividades cotidianas e gastar todo o seu tempo caminhando com ele pelas estradas da Palestina. É isso mesmo. Pedro era pescador no Lago da Galileia. Tinha família. Tinha esposa e, talvez, algum outro dependente de sua atividade de pesca. Mas, Pedro é chamado a deixar tudo para trás. Sua profissão, sua esposa, sua casa, seus vizinhos, seus pais. Tudo. Para quê? Para caminhar com Jesus. Jesus o chama para ser seu discípulo num discipulado radical. A descontinuidade com a vida anterior ao seguimento de Jesus é completa.

É para deixar tudo para trás. Um deles, inclusive, ao ser chamado no momento em que trabalhava numa coletoria de impostos, deixa imediatamente o local de trabalho para seguir Jesus. Se tinha alguma pessoa na fila para pagar o imposto, ficou sem pagar. Se tinha alguma mesa de cobrança, ficou no lugar. Se tinha algum dinheiro na gaveta, ficou para trás. Ele não preparou alguém primeiro para deixar no seu lugar para depois seguir Jesus. O seguimento é radical porque envolve mudança imediata, porque envolve abandono completo de todas as relações, porque envolve deixar tudo para trás, porque envolve seguimento completo. O mesmo aconteceu com os filhos de Zebedeu e com todos os discípulos do círculo mais próximo de Jesus. Deixar tudo para seguir Jesus era uma atitude radical. Imagine a esposa de Pedro na janela, ouvindo do pescador que ele iria embora e não sabia se voltaria. É imaginação, eu sei, mas imagine mesmo assim. Encontramos nos Evangelhos textos que lembram esse momento: quem não deixar pai, mãe, por amor de Jesus, não é digno do evangelho.

b) Depois de deixar tudo para trás, Jesus sai com esse grupo íntimo pregando uma mensagem que tem como tema básico o reino de Deus. É isso que Jesus e seus discípulos saem anunciando. E, ao anunciar o reino de Deus, esse grupo imediatamente se vincula às profecias

messiânicas e escatológicas das Escrituras judaicas. Jesus anuncia que está próximo o reino de Deus. Ele passa todo o seu ministério para tratar deste assunto. Como entrar no reino, como são as relações do reino, como é o Deus do reino e outros aspectos. Enquanto Jesus prega, ensina, cura, exorciza, seus discípulos aprendem. Esse movimento de Jesus ainda não é a igreja. Não é possível copiar esse movimento de Jesus em todos os seus aspectos.

Mas, não é apenas pelo seu caráter radical que esse grupo não é identificado com a igreja. Falta um elemento de grande importância, sem o qual não é possível falar em igreja. O Pentecostes. Sem Pentecostes não tem igreja. Sem Pentecostes não é possível falar em igreja. O movimento de Jesus não era a igreja porque o Pentecostes ainda não havia acontecido.

A DESCIDA DO ESPÍRITO SANTO E SEU SIGNIFICADO TEOLÓGICO

Mas, em que consistiu o Pentecostes? O Pentecostes era uma festa judaica, dentre as muitas festas que os judeus celebravam durante o ano. Era um momento em que muitas pessoas apareciam em Jerusalém para celebrar.

Os Evangelhos registram a promessa de Jesus a seus discípulos de que deveriam aguardar a chegada de um Paráclito em Jerusalém. Não deveriam arredar pé da

cidade enquanto isso não acontecesse. Pois foi no Pentecostes, 50 dias após os eventos da Páscoa, pouco mais de um mês depois dos eventos impressionantes da última semana de Jesus em Jerusalém, que um importante fenômeno se deu no meio dos discípulos reunidos em Jerusalém.

O relato desse evento se encontra em Atos, uma das poucas fontes de informações a respeito desse momento que faz a transição entre o grupo de discípulos de Jesus e a igreja de Jesus.

Segundo o relato de Atos, os discípulos estavam reunidos quando línguas como que de fogo descem sobre eles. Veja que o uso da expressão *como que* indica dificuldade para descrever o evento em linguagem humana. *Como que* descreve alguma coisa que os discípulos não conseguiram entender direito o que era, mas, parecia-se com fogo. Era uma luz brilhante. Uma luz iluminou o ambiente. Iluminados por essa luz, eles começam a adorar a Deus, todos ao mesmo tempo. Isso não deveria ser assim tão raro de se ver, pois a adoração coletiva de muitas pessoas falando ao mesmo tempo era a forma regular de se adorar no templo. No templo, não havia ordem de culto ou estrutura litúrgica. Alguém cantava aqui, outro orava ali, outro sacrificava acolá com a ajuda do sacerdote. O templo era uma gigantesca construção onde todos adoravam ao mesmo tempo, muitas vezes em pé ou, então, sentados no chão.

O curioso do evento acontecido com os discípulos de Jesus foi que, apesar de eles estarem impressionados com a luz que apareceu e louvarem a Deus por isso, quem ouvia a adoração conseguia compreender o que eles falavam em suas próprias línguas.

Aqui preciso de um parêntese para explicar algo. Esse grupo de visitantes vem da diáspora judaica. São judeus que não residem na Palestina, mas em vários lugares do mundo. Muitos nasceram nesses lugares aprendendo as línguas dessas nações. O que os impressionava era que eles conseguiam ouvir os discípulos nessas línguas. Quem vinha do Egito, ouvia em cópta; quem vinha da Babilônia, ouvia em aramaico; quem vinha da Macedônia, ouvia em grego; quem vinha de Roma, ouvia em latim. Mas, como isso era possível? O grupo de discípulos era formado de pessoas simples. Pescadores da Galileia não eram letrados. Não sabiam ler ou escrever, quanto mais essa capacidade linguística aprimorada de falar em várias línguas. O que impressionava ainda mais é que, no relato de Atos, todos ouvem em suas próprias línguas, ao mesmo tempo. Era como se houvesse uma tradução simultânea para outros ouvidos. Uma tecla “sap” para traduzir as falas para vários idiomas.

Cada um entende na sua própria língua. Não é preciso tradutor.

As pessoas se assustaram. Enquanto os discípulos viram uma manifestação sobrenatural (a luz como fogo) e adoraram a Deus, as pessoas ouviram algo que não conseguiram compreender e foram logo fazendo o que fazemos quando não entendemos algo: usaram de preconceito.

Eles estão bêbados, diziam. Quem se levanta para defender o grupo? Pedro. O apóstolo usa primeiramente um argumento lógico para demonstrar que não tinha ali ninguém sob o poder da bebida. Era ainda muito cedo. Não fazia sentido um grupo tão grande manifestando sinais de embriaguez. Lembro do sacerdote que também acusou Ana de embriaguez quando ela orava no templo. Orar com intensidade poderia levar alguém a chamá-lo de bêbado.

Depois de dizer que eles não estavam bêbados, Pedro vincula o que eles vêm com Joel. Foi este profeta que anunciou que no fim dos tempos os filhos e filhas de Deus falariam novas línguas, quando o Espírito de Deus descesse sobre eles.

Pois foi, então, essa a interpretação que Pedro deu para o que havia acabado de acontecer. A luz como fogo e as línguas, eram sinais de que havia se cumprido, naquele momento, a chegada do Espírito sobre todos eles. E, com isso, iniciou-se o tempo do Espírito, iniciou-se o tempo da igreja.

É aqui que nasce a igreja, quando chega o Espírito sobre todos. Sem Espírito,

não tem igreja. É por isso que, formalmente, o movimento profético radical que segue Jesus durante três anos não é necessariamente igreja.

Diante do fenômeno sobrenatural ocorrido aos cerca de 100 discípulos no dia de Pentecostes e, principalmente, por causa da acusação de que eles estariam bêbados por louvarem a Deus daquele jeito, Pedro vincula o ocorrido à antiga profecia de Joel (Jl 2.28-32).

Não é difícil perceber que o profeta Joel falava dos últimos dias, do momento da intervenção final de Deus para trazer juízo para os perdidos e salvação para o seu povo. Neste contexto escatológico, o profeta dos gafanhotos menciona o Espírito. Que Espírito é esse que ele menciona? O termo faz referência ao poder de Deus que operava eventualmente na antiga aliança, dando poder para algumas pessoas realizarem coisas fantásticas. O Espírito atuava eventualmente sobre alguns homens e algumas mulheres para capacitá-los a realizar a obra de Deus, especialmente, para falar em nome dele. Quando o profeta falava em nome de Deus, o fazia capacitado pelo seu Espírito.

Era entendimento entre os judeus que o Espírito de Deus deixara de falar, dando início a um período que eles chamavam de silêncio profético. Deus não falava mais, a profecia cessara, o Espírito se afastara. Mas, um dia, essa era a esperança, seu Espírito voltaria a atuar entre

os seres humanos, e Deus voltaria a falar para a humanidade. O silêncio profético teria fim.

A profecia de Joel era fantástica em vários sentidos. Se no passado o Espírito atuava eventualmente apenas sobre algumas pessoas, no futuro, ele atuaria sobre todos os filhos e filhas de Deus, sobre velhos e jovens, sobre servos e servas. Todos poderiam falar as palavras de Deus, como apenas os profetas faziam antigamente. Foi isso que Pedro viu ao seu redor. Olhando para um lado e para o outro, logo ele vinculou o fenômeno impressionante de pessoas simples falando em outros idiomas, possivelmente mesmo sem os conhecer, à antiga profecia de que os filhos de Deus falariam movidos pelo Espírito. Era o Espírito que os inspirava, o que significava que o Espírito voltou. Ele estava de volta sobre a terra para inspirar os crentes a falarem a Palavra de Deus.

Ao fazer esse vínculo, Pedro esclarece que a partir de então não é mais privilégio de um ou outro falar a Palavra de Deus. Todos podem fazê-lo porque todos agora são movidos pelo Espírito de Deus. O Espírito não é mais privilégio de a ou b, mas companhia contínua do povo de Deus.

Agora, o reino de Deus chegou, porque seu Espírito voltara a atuar. E, com ele, nasceu a igreja de Jesus.

1

LIÇÃO

A ORIGEM
DA IGREJA**TEXTO BÍBLICO**

ATOS 2.37-47

TEXTO ÁUREO

ATOS 2.44

» PRA COMEÇAR

Estudar a origem da igreja nos leva ao conhecimento da nossa própria identidade enquanto povo de Deus, principalmente, quando entendemos que ela é o lugar dos salvos em Jesus Cristo. Quando observamos o

conceito de igreja na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (CBB), encontramos que *“Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé”*. Essa percepção de igreja nos remete precipuamente à ideia de uma reunião de pessoas salvas que decidem espontaneamente congregar e compartilhar a vida em comunhão.

Com base nessa compreensão é que iniciamos nossa jornada em que estudaremos sobre a origem da igreja, tendo como fio condutor a reflexão sobre a sua relação com o texto veterotestamentário, destacando o lugar dos milagres, sinais e prodígios como marcas que constituem a própria essência da igreja e, por fim, destacando a sua missão em anunciar a mensagem de salvação.

Minha expectativa é que este texto produza uma experiência de crescimento e edificação na sua vida por meio do maior conhecimento sobre a igreja de Cristo.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

A ORIGEM DA IGREJA E SUA RELAÇÃO COM O ANTIGO TESTAMENTO

Um dos conceitos mais importantes para compreensão do texto bíblico é a progressividade da revelação. Deus promoveu o seu autodesvendamento na história de forma gradativa a partir da capacidade humana de compreender a revelação divina. Dentro desta revelação está a compreensão da origem da igreja.

Quando olhamos para o texto de Atos dos Apóstolos, sobretudo o que está escrito em Atos 2.1-12, identificamos uma relação direta com a profecia veterotestamentária de Joel: “[...] *derramarei o meu Espírito sobre toda a carne*” e todas as classes de pessoas da aliança “*profetizarão*” (Jl 2.28,29).

Em seu texto, Lucas estabelece uma relação direta do evento de Pentecostes com a profecia de Joel e, consequentemente, com a origem da igreja. Quando analisamos os dois textos (Atos e Joel), percebemos que há um elemento comum nessas duas narrativas: a presença do Espírito Santo. Portanto, podemos

concluir que a era da igreja é inaugurada no processo da revelação de Deus na história a partir da nova relação do Espírito Santo na humanidade.

Quando olhamos para as páginas do Antigo Testamento encontramos uma economia divina em que o dom do Espírito era recebido somente pelos profetas, sacerdotes e reis no cumprimento de uma missão específica. Esta era uma realidade percebida no texto bíblico na era mosaica, passando pelos profetas anteriores¹, chegando ao livro do profeta Joel que, influenciado pelo gênero literário apocalíptico, aponta para um futuro teleológico² em que a presença do Espírito Santo de Deus faria parte da vida de todos os crentes pertencentes à igreja do Senhor.

Uma nova era seria inaugurada com o cumprimento da profecia de Joel na festa de Pentecostes em Atos 2, pois agora os dons do Espírito não estariam mais limitados a um grupo específico de pessoas, mas nesse novo momento da revelação do Senhor esses dons são

¹ Classificação do cânon judaico aos textos proféticos que não são considerados de autoria de um profeta. São os livros de Josué, Juízes, 1,2Samuel e 1,2Reis.

² Futuro que aponta para uma finalidade.

universalizados para todos aqueles que fazem parte do povo de Deus de todas as raças, jovens e idosos, homens e mulheres.

Esses dons são a marca carismática da igreja produzindo transformação social a partir da manifestação do Espírito Santo na vida das pessoas, levando-as a um novo status e a uma nova relação com o Senhor. Dessa forma, o vínculo causal do texto veterotestamentário com a origem da igreja está na pessoa do Espírito Santo de Deus que agora está presente na vida de todos que confessam Cristo com Senhor e Salvador.

A ORIGEM DA IGREJA E A SUA RELAÇÃO COM OS SINAIS E PRODÍGIOS

Notadamente, a era apostólica foi marcada pela efusão de milagres e sinais que foram realizados pelos apóstolos por meio da manifestação do Espírito Santo em suas vidas, o que se tornou uma das marcas identitárias da igreja no primeiro século, sobretudo, em suas primeiras três décadas a partir do Pentecostes.

O próprio Senhor Jesus havia prometido que os seus discípulos realizariam muitos prodígios: *“Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores, pois estou indo para o Pai”* (Jo 14.12). Pedro em sua mensagem, fazendo alusão ao profeta Joel, vai dizer que *“[...] e mostrarei feitos extraordinários*

O vínculo causal
do Antigo
Testamento
com a origem
da igreja está
na pessoa do
Espírito Santo
de Deus

em cima, no céu, e sinais embaixo, na terra, e sangue, fogo e vapor de fumaça” (At 2.19).

Fica evidente que há um elemento sobrenatural que passará a fazer parte da vida de todos aqueles que agora vivem a realidade do povo de Deus, pois a experiência com a igreja de Cristo nos leva necessariamente a uma realidade do sobrenatural do Senhor em que maravilhas, sinais, milagres e prodígios são da própria natureza do que é ser e viver a igreja.

A partir dessa compreensão da dimensão sobrenatural da igreja, somos convidados por Deus a ter uma vivência de comunhão eclesial que supere a mera

intelectualidade ou convencimento estéril, mas que nos leve a uma verdadeira compreensão da natureza da igreja como sendo o lugar do sobrenatural de Deus, onde milagres acontecem e que o agir do Senhor na vida do seu povo é uma realidade todos os dias da nossa vida.

Esses milagres são a demonstração da presença do Espírito Santo na vida da igreja e a evidência do poder e agir de Deus na experiência do seu povo. Os milagres, sinais e prodígios não estão restritos à Era Apostólica, como se esses dons tivessem cessado, mas faz parte da realidade da igreja de Cristo como evidência da onipotência divina. Portanto, cabe a nós, filhos de Deus, confiar na providência divina e no exercício do seu poder.

A ORIGEM DA IGREJA COMO O LUGAR DOS SALVOS EM CRISTO

Em seu sermão inaugural, Pedro cristaliza a verdade de que a salvação é a forma de ingresso na igreja de Cristo: *“E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”* (At 2.21). O apóstolo mais uma vez retoma a mensagem do profeta Joel que, à sua época, também falava da necessidade de salvação.

A pregação era direta e objetiva: *“[...] salvai-vos desta geração perversa”* (At 2.40). Não há espaço para outra mensagem, somente aquela já preconizada por João Batista: *“Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judeia e dizendo: arrependei-vos, porque o reino do céu chegou”* (Mt 3.1,2). Era chegado o tempo da salvação com o advento de Cristo e o surgimento da igreja.

» A LIÇÃO EM FOCO

A semelhança da dinâmica da ação do Espírito Santo no processo progressivo da revelação de Deus, a salvação assume também um novo lugar.

Se no texto veterotestamentário a salvação tinha uma eficácia restrita ao povo de Israel, em Cristo esse alcance passa a ser universal e a salvação assume o lugar

central na mensagem da igreja: “[...] E o Senhor lhes acrescentava a cada dia os que iam sendo salvos” (At 2.47).

A salvação messiânica que para o escritor do Antigo Testamento tinha uma perspectiva espacial e física, agora, em Cristo e com o advento da igreja, a salvação passa a ser metafísica, mesmo que não esteja desassociada da realidade do povo de Deus em seus desafios diários.

A mensagem soteriológica³ da igreja tem atravessado a história e chegado até os nossos dias e continuará sendo o centro da nossa pregação, pois ela está relacionada diretamente com a nossa missão (Mt 28.19,20).

³ Referência à doutrina da salvação que é conhecida como soteriologia.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

A igreja nasce com o objetivo de proclamar a mensagem de salvação que está centrada na pregação da pessoa e do sacrifício de Cristo, que é o alicerce da mensagem, se constituindo o elemento mais importante da natureza e missão da igreja.

A RAZÃO DE SER DA IGREJA

TEXTO BÍBLICO**ATOS 6.1-7; 8.1-8****TEXTO ÁUREO****ATOS 8.4**

» PRA COMEÇAR

A igreja do Senhor existe com a missão de cumprir o propósito divino para a humanidade por meio da pregação das boas-novas de salvação em Cristo Jesus. Essa missão deve nortear todas as ações da igreja. A compreensão dessa missão é fundamental para que o povo de Deus viva de forma plena a vontade do Senhor.

A partir desse entendimento, a missão é vivenciada na prática por meio do cuidado mútuo uns para os com os outros como a maior demonstração de amor fraternal que une os filhos de Deus proporcionando um horizonte, mesmo que parcial, do que viveremos na eternidade.

Dessa maneira, somos convidados por Deus a viver uma vida de fé e alegria, demonstrando o nosso compromisso com o Senhor independentemente das circunstâncias, tendo em Cristo Jesus, autor e consumidor da nossa fé, nosso maior exemplo de cumprimento da missão em razão de ser igreja.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

A COMPREENSÃO DE MISSÃO

Com o crescimento da igreja do Senhor, naturalmente novas demandas surgem e passam a ocupar um lugar de relevância na dinâmica eclesial gerando compromissos e responsabilidades, principalmente para os líderes e pastores da igreja. Essa realidade já estava presente desde os primeiros anos com o crescimento daqueles que iam sendo salvos pela mensagem do evangelho (At 6.1).

Diante desse contexto é necessário que haja discernimento da liderança para que a missão precípua da igreja não seja comprometida com outras atividades ministeriais. Em que pese a relevância das mais diversas ações que uma igreja possa realizar, a sua missão central sempre será a proclamação do evangelho. Essa compreensão foi fundamental para a expansão do reino de Deus no início do ministério da igreja: “[...] *não faz sentido que deixemos a Palavra de Deus e sirvamos às mesas*” (At 6.2); “*Mas nós nos devotaremos à oração e ao ministério da Palavra*” (At 6.4).

Esse entendimento faz toda diferença na vida da igreja e no ministério pastoral: o lugar central da pregação. O pastor puri-

tano Richard Baxter disse que “*todas as igrejas tanto crescem quanto diminuem conforme o ministro cresce ou diminui, não em riqueza e bens materiais, mas em conhecimento, zelo e capacidade para a sua missão*” (Dever, 2010, p. 17).

À semelhança do que aconteceu nos primeiros anos na igreja do Senhor quando houve murmuração por parte de algumas pessoas por não serem assistidas da forma como elas esperavam na distribuição de mantimentos gerando uma crítica aos líderes demandando deles uma ação, em nossos dias também há em alguma medida uma “cobrança” para que a igreja “diversifique” cada vez as suas ações. A rigor, não há nenhum impedimento no que diz respeito às múltiplas ações que uma igreja possa desenvolver, desde que a missão da pregação do evangelho não seja comprometida.

Foi com esse entendimento que os apóstolos, guiados pelo Senhor, conduziram a escolha de “*sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria [...]*” (At 6.3). O resultado dessa ação proporcionou a possibilidade da escolha e do surgimento dos diáconos na igreja

o que revolucionou de forma expressiva o avanço do evangelho, pois *“a Palavra de Deus era divulgada, de modo que o número dos discípulos em Jerusalém se multiplicava muito e vários sacerdotes obedeciam a fé”* (At 6.7).

A DIMENSÃO DO CUIDADO

Com a escolha dos diáconos, a igreja passou a sistematizar melhor as ações que, inicialmente, estavam concentradas com os apóstolos. Isso proporcionou um crescimento exponencial para o povo de Deus naquele momento, pois à medida que os apóstolos se concentravam na proclamação do evangelho, os diáconos estavam servindo com especial atenção e cuidado das necessidades mais urgentes dos crentes.

A igreja passou a ser reconhecida como um lugar de cuidado mútuo quando todos cuidavam uns dos outros e que a necessidade de um passava a ser a necessidade de todos (At 2.45). Trata-se de um entendimento que o cuidado com o próximo se desenvolverá ao longo de um envolvimento pessoal em diferentes contextos e para tratar de situações distintas. É o que o Dr. Dale Johnson Júnior¹ chamará de uma cultura do cuidado. Ele parte da premissa que a igreja tem a responsabilidade de cuidar das

almas e, por isso, deve criar uma cultura onde esse cuidado se desenvolve. Esse cuidado é possível por causa daquele que é o cabeça da igreja e nosso Bom Pastor. Mas, o Bom Pastor utilizará líderes que investirão em outros (2Tm 2.2) a fim de criar na igreja local essa cultura de cuidado².

A dimensão do cuidado tem se constituído um dos grandes desafios em nossos dias numa sociedade marcadamente ensimesmada e centrada em si mesma. Cuidar do outro é uma das mais caras demonstrações de amor ao próximo que pode ser vivenciada no contexto da igreja.

Temos em Cristo o nosso maior exemplo de cuidado e nele encontramos o maior desafio para a igreja do Senhor: *“[...] Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e me acolhestes; precisei de roupas, e me vestistes; estive doente, e me visitastes; estava na prisão e fostes visitar-me”* (Mt 25.34-36).

O cuidado é demonstrado em situações de necessidade quando nos implicamos com a carência dos nossos irmãos a ponto de gerar em nós atitudes que

¹ Diretor dos programas de aconselhamento bíblico e professor associado de Aconselhamento Bíblico no *Midwestern Baptist Theological Seminary*.

² JOHNSON JR., Dale. *Criando uma cultura de cuidado na igreja*. NUTRA: São Bernardo do Campo, SP: 2022.

promovam o renovo da esperança para os que sofrem e padecem por contextos de privação.

VIDA DE FÉ E ALEGRIA

A fé é uma das marcas na vida daqueles que são alvos da graça de Deus e que foram salvos em Cristo Jesus. Vida cristã é vida de fé, pois “sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6).

Quando revisitamos o texto da escolha dos diáconos identificamos que uma das características destacadas pelo escritor bíblico na escolha de Estêvão (primeiro mártir da igreja é que ele uma um “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6.5). Por ser um homem de fé é que Estêvão realizava prodígios e milagres e feitos extraordinários entre o povo (At 6.8), pois somente na dependência de Deus e vivendo pela fé é que podemos

experimentar de forma plena o poder do Senhor em nossa vida.

Foi exclusivamente pela fé que os irmãos da igreja em suas primeiras décadas puderam suportar tamanha perseguição de forma que homens e mulheres, à semelhança de Estêvão, perderam as suas vidas em defesa de sua fé. À medida que a igreja crescia, avolumava-se contra ela aqueles que procuravam impedir o avanço do evangelho: “No mesmo dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria” (At 8.1).

Mas, a perseguição, ao contrário do que os algozes de Estêvão imaginavam, não parou a igreja. As perseguições alimentavam a fé daqueles que foram transformados pelo poder de Deus. Aleluia! Os crentes em Jesus, os que viviam pela fé, “[...] os que foram dispersos iam por toda parte, anunciando a Palavra” (At 8.4).

» A LIÇÃO EM FOCO

“O sangue dos mártires é a semente dos cristãos” (Tertuliano, II século d.C.). Talvez, esta seja uma das frases que melhor representa a severa perseguição sofrida pelos cristãos no início de sua história e de como essa condição proporcionou o avanço da pregação do evangelho.

Mas, a perseguição não produziu tristeza, por mais paradoxal que pareça; ela produzia alegria: *“E houve grande alegria naquela cidade”* (At 8.8). A alegria sempre esteve presente na trajetória do povo de Deus independentemente das circunstâncias, pois ela é incondicional. No livro dos Atos encontramos a experiência de Paulo e Silas que foram espancados, torturados e presos em Filipos. Essa situação não gerou revolta ou tristeza, mas fez com que aqueles dois homens de Deus pudessem cantar hinos de louvor ao Senhor (At 16.22-25).

A igreja é do Senhor vive pela fé movida pela alegria. Não são as circunstâncias que definem o ânimo do povo de Deus, pois como nos diz o apóstolo Paulo: *“porque aprendi a viver contente em toda e em qualquer situação”* (Fp 4.12).

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

Vivamos pela fé em Cristo Jesus; vivamos não pelo que vemos, mas pelo que cremos; vivamos com alegria a jornada da vida cristã na certeza de que *“os sofrimentos presentes não se podem comparar com a glória que será revelada em nós”* (Rm 8.18).